

# **Homenagem a António Borges Coelho**

**Escola Fernando Lopes Graça (Parede)**

**21.10.2018**

Querido Camarada e Bom Amigo

António Borges Coelho

Cabe-me a agradável tarefa de dizer algumas palavras sobre as razões que aqui nos trouxeram hoje.

Desde logo, para te manifestar a nossa alegria por podermos comemorar os teus 90 anos em companhia da tua primeira paixão, a muito querida Isaura, camarada de longa data e tua companheira de toda uma vida, da Sónia, tua querida filha, e da restante família.

Alegria acompanhada de um muito forte e fraternal abraço neste momento especial para ti e para todos nós, e expressar-te mais uma vez a nossa admiração e valorização por uma tão longa vida de verticalidade, coerência e fidelidade às causas e valores de liberdade, da emancipação social e humana, causas que abraçaste muito jovem e que constituem «a marca» de toda a tua longa vida como ser humano, cidadão, homem de causas e pelas quais tiveste de pagar um muito elevado preço, no plano humano, físico, afectivo e até profissional.

Mas hoje é dia de festa para todos nós. Daí que seja de bom tom conter-me em palavras, tanto mais que as razões que aqui nos trouxeram falam por si.

De qualquer modo algo mais se torna necessário dizer neste dia e aqui, ainda que não seja tarefa fácil. Não porque não saiba o significado e a natureza do teu percurso de vida, mas porque não pode deixar de estar presente nessa avaliação uma amizade de mais de 60 anos, que resistiu à erosão dos tempos e de tempos difíceis, mas em que também avultam a entrega exaltante e ardente marcada pelos sonhos revolucionários da juventude, as muitas batalhas travadas em comum contra o fascismo e pela liberdade, pela construção de um Portugal democrático, a grande causa das nossas vidas.

Um quadro que provoca um caldeirão de emoções ao misturar conversas longas, alegrias e tristezas partilha-das em comum, a dor pela perda de

tantos camaradas, momentos de acerto e desacerto, mas onde não entrava o desalento por muito grandes que fossem as dificuldades e incertezas sobre o caminho a percorrer.

Falar de António Borges Coelho é contribuir para a preservação da memória histórica, tão necessária nos nossos dias se queremos assegurar o futuro e que as novas gerações não tenham de pagar o preço que tantos homens e mulheres deste país tiveram de pagar para que os portugueses tivessem a liberdade como modo de viver e até para que cada um tivesse o direito a construir a sua própria vida. É preciso que os jovens saibam e os mais idosos não esqueçam o que foi viver sob a negra noite fascista e que a liberdade foi conquistada à custa de muito sacrifício.

A vida, a longa vida do camarada e amigo Borges Coelho carrega opções muito difíceis, várias delas tomadas em circunstâncias solitárias: viveu a vida clandestina, com tudo o que isso significa de abdições de vida pessoal; passou vários anos na cadeia, sofreu violentas torturas policiais, entre as quais se contam longos meses em condições do mais completo isolamento, conheceu a dolorosa separação afectiva da sua companheira Isaura devido à prisão de ambos, e uma vez em liberdade foi perseguido e discriminado pelas suas opções político-ideológicas como historiador, a sua segunda grande paixão. E momentos houve da sua vida que teve de comer «o pão que o diabo amassou» para sobreviver.

Não podemos deixar de salientar como aspecto essencial da sua vida que António Borges Coelho enfrentou com enorme coragem a chamada «prova das provas», aquela que punha à prova a firmeza das convicções: as torturas da PIDE e a brutalidade dos carcereiros.

E, no entanto, apesar dos momentos difíceis por que passou na sua vida, são de assinalar – e convém não esquecer-lo – momentos exaltantes pela sua entrega à luta pela liberdade, à superação de si próprio nos momentos difíceis.

Borges Coelho tem outra «marca» de vida que importa salientar, tanto mais que ninguém lhe fica indiferente: a imensa alegria de viver, uma confiança indestrutível nos destinos do ser humano, apesar de o mundo estar cheio de patifes.

Ele próprio explicou o porquê dessa alegria de viver que o acompanha desde a juventude até aos nossos dias: «Viver – disse um dia – é uma maravilha, mesmo nos dias cinzentos».

Alegria de quem não passa pela vida como «cão por vinha vindimada», de quem faz da sua vida uma contribuição para o bem comum, para o progresso da humanidade, construído por sucessivas gerações, de quem acredita na justeza das suas convicções e opções, de quem – e de novo me socorro das suas próprias palavras – «se sente bem consigo próprio.»

Aprendi muito com o camarada Borges Coelho. Não influiu pouco na minha formação moral, no respeito pelos outros, na conduta de vida em conformidade com os ideais, em tudo aquilo que o situava na categoria das pessoas de moral elevada.

Claro que nem sempre fomos assaltados pelas mesmas dúvidas, dúvidas que a vida coloca inexoravelmente, sobretudo quando se é confrontado com situações complexas, com interrogações que afectam aquilo em que sempre se acreditou.

A questão não está nas dúvidas. Está sempre em procurarmos dar a resposta às interrogações. É isso que nos leva à acção, sem o que não se transforma o mundo.

Mas o importante é que nos continuamos a encontrar do mesmo lado da barricada, travando solidariamente as mesmas batalhas, perfilhando os mesmos ideais libertadores.

Nestes dias, a propósito do seu 90.º aniversário, muito se falou de António Borges Coelho como historiador. Homem de sete ofícios, tornou-se por mérito próprio historiador imérito, com uma vasta obra, cujo valor ninguém se atreve a questionar, ainda que alguns durante muito tempo não tivessem reparado nele e outros, bem lá no íntimo, gostariam que ele não tivesse alcançado o estatuto que alcançou.

Entretanto, fala-se menos sobre o facto de que, para atingir o estatuto que atingiu no mundo académico, o camarada Borges Coelho teve de enfrentar um mundo de discriminações, de boicotes, de insultos e até de perseguições policiais, só ultrapassado no 25 de Abril, com a conquista da liberdade pela qual tanto lutou. É que não lhe perdoavam o facto de ter dado voz a homens

e mulheres que embora fazendo história, não tinham direito a figurar na história.

Como alguém disse: «Borges Coelho trouxe a arraia-miúda para a história, ao fim e ao cabo aqueles a quem dedicou a sua vida e cujo destino foi sua preocupação desde sempre, desde que compreendeu quanto era injusta a vida de miséria que atinge tanta gente.

Ao colocar a história de cabeça para cima, Borges Coelho deu um contributo inestimável para o esclarecimento da verdade histórica, para a projecção dos conhecimentos do passado na luta pelo futuro.

Pela nossa parte, naturalmente que fazemos votos para que o camarada e amigo continue a trabalhar no âmbito da história, a contribuir para a batalha das ideias.

#### Camaradas e Amigos

Os nossos pensamentos, a nossa actividade política, cívica, cultural, mesmo quando olhamos para o passado visam o futuro, que continuamos a encarar com confiança, apesar dos colossais retrocessos havidos em Portugal e no mundo de há alguns anos a esta parte, e que algumas forças, mostrando-se insaciáveis, ainda querem levar mais longe os retrocessos, num processo de ajuste de contas com os trabalhadores e os povos.

Na actualidade vivemos tempos sombrios, perigosos, e no imediato de desfecho incerto, não se podendo, realisticamente, excluir que o pior possa acontecer, quer em termos da guerra, cada vez mais ameaçadores, quer em termos de organização política e social, no terreno das liberdades, crescentemente cerceadas e mesmo liquidadas.

Independentemente das avaliações que se possam fazer da longa luta dos trabalhadores e dos povos no «assalto ao céu», é um facto histórico inquestionável que a derrota do socialismo, o enfraquecimento do movimento operário e revolucionário não tornaram o mundo mais pacífico, mais próspero, mais democrático. O inverso é que é verdadeiro. Hoje podemos avaliar o que representou a perda da principal fonte de ajuda material à luta dos povos.

Estamos a entrar na fase que alguns definem como a fase das guerras perpétuas. Ou seja, a guerra como forma normal do imperialismo determinar as relações entre Estados e povos. O fascismo cresce à velocidade do som e torna-se cada vez mais ameaça-dor, tendo-se tornado um perigo que deve ser levado a sério. O fascismo não é um fenómeno conjuntural. Tem raízes sócio-económicas profundas. É a grande saída para as crises do capitalismo. Combater o fascismo é combater as causas que o engendraram, é dar solução aos problemas e anseios das pessoas. É esclarecer a natureza do fascismo.

Há dias o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros, a propósito do perigo do populismo – a designação de fascismo não cabe no seu léxico – proferia uma verdade óbvia: «O populismo – disse o senhor ministro – evita-se combatendo-o». Só que não disse uma única palavra sobre como combatê-lo e muito menos falou sobre as causas que geram o fascismo, as causas que levam à existência de milhões de pessoas desesperadas, sem horizontes de vida, prontas a acreditar nas soluções fortes e que os irá atingir em primeiro lugar.

Para quem viveu as alegrias e as esperanças do 25 de Abril, para quem assistiu a tão grandes transformações progressistas à escala mundial, não era fácil imaginar que o mundo se tornaria tão perigoso.

### Camaradas e Amigos

Independentemente das visões que cada um possa ter sobre a evolução do mundo, sobre as avaliações e reavaliações que necessariamente se impõe continuar a fazer, uma coisa sabemos: que a luta vai continuar. Que haverá sempre homens e mulheres a dizer não e a dizer não com toda a confiança. Uma confiança no futuro. É nossa firme convicção que não há forças no mundo, por muito poderosas que sejam, capazes de convencer os povos para todo o sempre de que este mundo de miséria, de guerra, de opressão, é o melhor dos mundos possíveis.

E o camarada e amigo António Borges Coelho, que também é um grande poeta, afirmou há tempos: «Nós estamos na cava da onda. Mas ela vai subir.

De mil maneiras. Não exactamente como nós imagina-mos ou imaginámos no passado».

Sim, a onda subirá. E subirá porque haverá sempre homens, mulheres e jovens que saberão dizer não ao fascismo, ao obscurantismo, à guerra, a viver na miséria e opressão.

A última palavra caberá sempre aos povos que lutam. Na primeira linha dessa luta, hoje como ontem, estão e vão continuar a estar os comunistas. Nessa luta, estamos certos, vamos continuar a ter ao nosso lado o António Borges Coelho, a quem desejamos as maiores felicidades do mundo, com a sua e nossa querida Isaura a seu lado.

Compreenderás que não faça aquilo que é tradicional fazer nestes momentos, que é desejar ao aniversariante uma longa vida. Mas dir-te-ei, como forte desejo – e nisso estou certo que os presentes, e os que por uma outra razão não puderam vir, me acompanharão no compromisso que hoje aqui assumimos – fazemos uma grande festa comemorativa pelo teu centenário.

Até lá vamos continuar juntos nas batalhas do dia-a-dia por um país e um mundo melhor e mais justo.

Ao ouvirmos hoje, aqui, as canções do nosso grande amigo e camarada Lopes Graça, canções com as quais tanto contribuiu para estimular a luta antifascista e tanta força e ânimo deu à nossa geração, lembremos que ele nos ensinou que na nossa luta até os mortos vão ao nosso lado. Enquanto cá estivermos travaremos a luta em honra da memória deles, por nós e pelo futuro.

Um grande e fraterno abraço, camarada Borges Coelho.

*Domingos Abrantes*